

1. A Iniciação à Vida Filosófica: O Exercício do Necrológio e a Estruturação da Personalidade (Baseado na Tradição Socrática e Aristotélica)

Autor: Diego Vieira Dias | Grupo: Desenvolvimento Pessoal | Data: 01/12/2025 12:15

O Propósito do Estudo Filosófico e a Comunidade de Aprendizado

A busca pela sabedoria não é apenas um exercício acadêmico, mas um esforço vital para evitar que a barbárie se instale na prática cotidiana e na cultura de uma sociedade. Iniciar um curso de filosofia exige, primeiramente, a consciência de que se trata de uma empreitada de longo prazo e de profunda seriedade. Em um cenário educacional muitas vezes marcado pela precariedade e pela falta de profundidade, a decisão de dedicar anos ao estudo sistemático da filosofia — sem a promessa imediata de diplomas ou empregos, mas por puro amor ao conhecimento — é um ato notável de resistência cultural e estruturação pessoal.

O Compromisso com a Continuidade

Para que o estudo filosófico frutifique, é necessário um compromisso de permanência. Não se trata de absorver informações fragmentadas, mas de um processo de maturação que pode levar de quatro a cinco anos de esforço continuado. A filosofia exige tempo para sedimentar conceitos e transformar a estrutura de pensamento do estudante.

No Brasil, onde o ensino muitas vezes carece de rigor, a disposição de centenas de pessoas em se reunir para estudar filosofia sistematicamente é um fenômeno que contraria a tendência de dispersão e superficialidade. Este esforço não visa apenas o acúmulo de dados, mas a formação de uma personalidade intelectual sólida, capaz de resistir às pressões de grupos hostis ou estranhos aos seus valores.

A Documentação da Vida Intelectual

Uma ferramenta essencial para este processo é a manutenção de um registro pessoal, um "diário do curso". O estudante não deve apenas anotar o conteúdo expositivo das aulas, mas transformar esse caderno em um documento de sua própria vida intelectual.

"Este caderno deve funcionar como um diário do curso. Você não vai colocar ali somente o conteúdo que escreveu ou o conteúdo resumido, mas as suas próprias ideias e o registro da sua própria experiência."

Neste diário, devem constar as dúvidas, as indicações bibliográficas, os *insights* repentinos e a execução dos exercícios propostos. É através da escrita e da reescrita que o pensamento se clarifica. A documentação integral permite que o aluno revise sua própria trajetória, percebendo como suas ideias e percepções amadureceram ao longo do tempo.

Além do registro pessoal, o método de estudo sugerido envolve uma tripla absorção do conteúdo: ouvir a exposição ao vivo, ouvir a gravação posteriormente e, finalmente, ler a transcrição. Este processo de repetição e fixação é crucial para que os conceitos filosóficos deixem de ser meras abstrações e passem a integrar o tecido do pensamento do estudante.

A Formação de Grupos e a Importância da Amizade

A filosofia não floresce no isolamento absoluto. A formação de grupos de estudo é fundamental, não apenas para a divisão de tarefas práticas — como a transcrição de aulas e o compartilhamento de materiais — mas para a criação de uma comunidade de valores.

Aristóteles já apontava que a amizade é a base da própria sociedade política. Sem a tendência humana de formar grupos unidos por uma afinidade de objetivos e valores, a vida em sociedade seria impossível.

"Aristóteles considerava a amizade a base da própria sociedade política. (...) A amizade é também um dos pilares sobre os quais se constitui, se ergue a nossa personalidade."

Se o estudante não encontra um grupo que se identifique com seus objetivos vitais e seus valores, ele corre o risco de ficar isolado perante grupos que lhe são estranhos ou hostis. O isolamento enfraquece o indivíduo. A solidão intelectual pode levar ao enfraquecimento das convicções e, eventualmente, à capitulação perante valores que não são os seus.

A verdadeira amizade, neste contexto filosófico, baseia-se na definição clássica de Santo Tomás de Aquino e da tradição romana: *Idem velle, idem nolle* — querer as mesmas coisas e rejeitar as mesmas coisas.

"É seu amigo aquele que quer as mesmas coisas que você e que rejeita as mesmas coisas que você. Ou, dito de outra forma, amar as mesmas coisas e odiar as mesmas coisas."

Portanto, o curso de filosofia deve servir também como uma ocasião para a formação de amizades verdadeiras, fundadas não em interesses passageiros, mas na comunidade de objetivos vitais e na busca sincera pela verdade. Sem encontrar os "amigos adequados", o indivíduo corre o risco de se associar a grupos que lhe oferecerão uma falsa amizade em troca da corrupção de seus valores e da desistência de ser quem ele realmente é. A comunidade de aprendizado é, assim, um escudo contra a desorientação moral e o sacrifício inútil da própria personalidade.

O Exercício do Necrológio: A Construção do "Eu Ideal"

Para consolidar a base da vida filosófica, é necessário um exercício de imaginação e autoconhecimento profundo, muitas vezes negligenciado na educação formal. Trata-se do "exercício do necrológio". Esta prática não é apenas uma tarefa literária, mas uma ferramenta pedagógica obrigatória para quem deseja ordenar a própria psique e encontrar um eixo de orientação moral.

A Instrução Prática

O exercício consiste em supor que você já morreu. A partir dessa premissa, você deve assumir a perspectiva de um amigo próximo, alguém que o conheceu profundamente, e redigir o seu próprio necrológio. Não se trata de uma nota de falecimento burocrática, mas de uma breve narrativa de toda a sua vida.

O ponto crucial, no entanto, é a perspectiva adotada: você não deve narrar a vida como ela está sendo agora, com suas falhas e incompletudes, mas deve supor que, durante sua existência, você realizou o "melhor de si".

"Você vai supor que, durante a sua vida, você realizou o melhor de si, ou seja, todas as suas aspirações mais altas foram realizadas de alguma maneira. (...) Você vai contar a sua vida ideal."

Este texto deve ser escrito com extrema sinceridade e seriedade. Não é um documento para publicidade ou para impressionar terceiros, mas um espelho onde você mostrará para si mesmo quem você quer ser.

A Função do "Eu Ideal"

A finalidade desta prática é estabelecer uma imagem clara do seu objetivo final. Esta imagem do "eu ideal" certamente mudará ao longo dos anos, sofrendo alterações, aprofundamentos e correções à medida que sua consciência amadurece. Contudo, no momento presente, ela serve como a única bússola confiável.

Na sociedade contemporânea, especialmente em ambientes de grande instabilidade social como o brasileiro, é comum que as pessoas vivam sem um plano de vida definido. A dispersão e o caos externo muitas vezes impedem a visualização de uma biografia coerente. Sem saber quem se quer chegar a ser, o indivíduo perde a capacidade de julgar as suas próprias ações no presente.

"Se você não tem um plano de vida, você não tem um ideal que te norteie, você não sabe quem você quer chegar a ser, então, evidentemente, você não tem sequer como julgar as suas próprias ações."

O "eu ideal" funciona como um juiz interno. É esse personagem, que expressa o que existe de melhor e mais elevado em você, que julgará suas atitudes diárias, corrigirá seus desvios e orientará suas escolhas. Sem essa referência, o indivíduo fica à deriva, sujeito a ser julgado por instâncias alheias — como o medo, a pressão social, os preconceitos ou a opinião de grupos que não compartilham de seus valores.

A Conexão com a Transcendência

Para aqueles que possuem uma dimensão religiosa, este exercício ganha uma camada ainda mais profunda. A parte de você que escreve essa narrativa ideal, a parte que aspira à perfeição possível da própria personalidade, é a única parte capaz de estabelecer um diálogo sincero com o divino.

Não adianta tentar falar com Deus a partir de uma personalidade fragmentada, falsa ou rebaixada. Deus se recusa a ouvir a mentira existencial. É apenas o "melhor em você" que pode falar com Deus. Portanto, o necrológio não é apenas um exercício de planejamento estratégico pessoal, mas um ato de purificação da intenção e de alinhamento com a verdade interior.

Este exercício é a base técnica para alcançar um mínimo de orientação moral nesta vida. Sem definir claramente o alvo — quem você deve ser — qualquer movimento é apenas agitação desordenada. A filosofia, antes de ser uma discussão sobre conceitos abstratos, é a prática de *ser* alguém capaz de buscar e suportar a verdade.

A Amizade como Base da Convivência Intelectual

A tradição filosófica clássica sempre atribuiu à amizade um papel central, não apenas na vida privada, mas na estruturação da própria convivência humana. Aristóteles, por exemplo, considerava a amizade a base da sociedade política. Embora, modernamente, tendamos a dissociar a afetividade

da política, para o filósofo grego, a *polis* seria impossível sem a tendência humana natural de formar grupos unidos por afinidades de objetivos e valores. Essa união não é meramente utilitária ou sentimental; ela é o solo onde a personalidade se ergue e se fortalece. A solidão absoluta é um estado de fragilidade. Quando um indivíduo não encontra um grupo que se identifique com seus objetivos vitais e seus valores mais profundos, ele se vê isolado diante de coletividades que lhe são estranhas ou até hostis.

A Definição Clássica de Amizade

Para compreender o tipo de vínculo necessário à vida intelectual, é preciso recorrer à definição consagrada por Santo Tomás de Aquino e presente na tradição romana (notadamente em Salústio):

"Idem velle, idem nolle." Traduzido, isso significa "querer as mesmas coisas e rejeitar as mesmas coisas" (ou amar e odiar as mesmas coisas). O verdadeiro amigo é aquele que compartilha da mesma estrutura de valores e das mesmas aspirações fundamentais. Não se trata necessariamente de concordar em todas as opiniões triviais, mas de uma comunhão nos fins últimos da vida.

O Perigo do Isolamento e a Falsa Amizade

Um dos segredos fundamentais para a integridade moral e intelectual é a capacidade de se aproximar das pessoas certas — aquelas que possuem os mesmos valores. O isolamento enfraquece o indivíduo formidavelmente ao longo do tempo. Sem encontrar a comunidade adequada, o estudante de filosofia (ou qualquer pessoa que busque um desenvolvimento interior sério) corre um risco grave: a tentação de se associar a grupos que não compreendem sua natureza ou que a julgam como algo estranho, alienígena ou marginal. Nesse cenário de carência social, o indivíduo pode acabar aceitando um "pacto faustiano": grupos estranhos aos seus valores oferecem apoio, proteção e uma simulação de amizade. Em troca, exigem a sua corrupção. O preço dessa falsa inclusão é a desistência de ser quem se é, o abandono dos próprios valores e o sacrifício de convicções no altar de uma sociabilidade vazia.

A Comunidade de Objetivos Vitais

Portanto, um curso de filosofia ou um grupo de estudos não deve ser encarado apenas como um local de transmissão de dados técnicos. Ele deve servir como ocasião para a formação de amizades verdadeiras, fundadas na "comunidade de objetivos vitais". A verdadeira amizade intelectual é aquela baseada no amor ao conhecimento e na rejeição da mentira e da ilusão. É este tipo de vínculo — o *idem velle, idem nolle* aplicado à busca da verdade — que permite ao indivíduo resistir à dispersão e manter a firmeza de seu propósito. Sem encontrar os "amigos adequados", a personalidade tende a se fragmentar, tornando a vida filosófica uma tarefa quase impossível de ser sustentada isoladamente.

A Filosofia como Confronto com a Realidade Social

A filosofia, tal como inaugurada por Sócrates, distingue-se radicalmente da mera erudição acadêmica ou da burocracia universitária moderna. O ensino socrático não ocorria em uma instituição formal, mas em um círculo de amigos, uma espécie de "clube de aficcionados" que buscavam a verdade. A característica central desse método era a análise constante das condições sociais e políticas imediatas nas quais o diálogo se desenrolava. Sócrates não falava a partir de uma "estratosfera" abstrata. Ele conhecia seus interlocutores pelo nome, sabia quem eram seus pais, conhecia suas biografias e a posição social que ocupavam em Atenas. A meditação filosófica começava justamente pela constatação dessa realidade concreta. Se, após milênios, surgem filosofias cujos autores ignoram as condições sociais que geraram seus pensamentos, ocorre um

retrocesso. A filosofia torna-se uma abstração alienada quando o pensador não examina criticamente a instituição ou a estrutura social que molda o seu discurso.

A Alienação Acadêmica e o Exemplo de *Tropa de Elite*

Um exemplo contemporâneo e contundente dessa desconexão entre o discurso intelectual e a realidade concreta pode ser encontrado no filme *Tropa de Elite*. Há uma cena emblemática que se passa em uma sala de aula universitária, onde estudantes de classe média e alta discutem as teorias de Michel Foucault sobre o "sistema opressivo" e a "sociedade de vigilância". A ironia trágica da cena reside na contradição performativa dos estudantes. Enquanto utilizam o jargão filosófico para criticar a opressão do sistema, eles são, na prática, consumidores de drogas. Ao comprar a droga, eles financiam diretamente o narcotráfico que tiraniza as favelas e corrompe a estrutura social que eles dizem criticar. Eles vivem em um "universo ficcional" de conceitos, ignorando que, na realidade concreta, são peças fundamentais da engrenagem que produz a violência.

"Aquele aluno que é policial, o Matias... é o único que se lembra de chamar a atenção dos seus colegas para a situação social deles... quem são eles socialmente? Elas são os consumidores da droga que se distribui na favela. Então são elas que fornecem o dinheiro para o narcotráfico continuar funcionando." Neste cenário, o único indivíduo que possui uma percepção real da situação é o aluno policial, que vive a tensão entre a lei e o crime na pele. No entanto, ele se sente intimidado pelo status social e pelo domínio retórico dos colegas. A universidade, ali, funciona não como um local de busca da verdade, mas como um teatro de autoengano, onde a "filosofia" (ou o que passa por ela) serve para mascarar a realidade e não para revelá-la.

O Filósofo como Participante Consciente

A verdadeira filosofia exige que o sujeito saiba exatamente quem ele é dentro da "peça de teatro" da sociedade. Não é possível fazer filosofia política ou social válida colocando-se como um observador externo, neutro e desenraizado. O filósofo é um participante. Se você não tem a consciência clara da sua posição social, dos seus interesses, dos seus medos e das consequências reais das suas ações, todo o seu discurso teórico será, na melhor das hipóteses, uma fantasia compensatória; na pior, uma mentira calculada. A análise filosófica deve partir da autoconsciência do indivíduo em sua circunstância real. Diferente da cena do filme, onde o discurso sobre Foucault servia para ocultar a cumplicidade com o crime, a filosofia socrática usa o intelecto para iluminar a responsabilidade individual dentro da *polis*. Sem esse confronto com a realidade social imediata — e com o papel que desempenhamos nela —, a atividade intelectual degrada-se em "antifilosofia", servindo apenas para dar uma aparência de sofisticação à hipocrisia e à alienação.

A Busca pela Confiabilidade e o "Observador Onisciente"

A filosofia não se resume à aquisição de uma cultura literária ou ao domínio de técnicas de argumentação lógica. Desde o início, o objetivo fundamental da investigação filosófica é a busca pela **confiabilidade máxima** (ou veracidade) da própria consciência. Para alcançar um patamar de certeza e clareza sobre quem se é e o que se sabe, é necessário instituir um tribunal interior rigoroso. Grande parte dos nossos julgamentos diários é turvada por interesses momentâneos, autoproteção psicológica ou medo da opinião alheia. Para romper com esse ciclo de autoengano, propõe-se um experimento mental decisivo: a hipótese do "Observador Onisciente".

O Olhar da Verdade

O exercício consiste em imaginar a existência de um observador que conhece absolutamente tudo a seu respeito. Este observador — que para o crente é Deus, mas que pode ser imaginado hipoteticamente por qualquer um — sabe o seu passado, o seu futuro, os seus atos secretos e,

principalmente, as suas intenções mais profundas, aquelas que você esconde até de si mesmo. Diante deste observador, a mentira torna-se impossível e inútil. Não há como criar uma "persona" ou uma desculpa esfarrapada para alguém que já vê a realidade nua e crua.

"A única maneira de você obter alguma confiabilidade é você se colocar imaginariamente diante de uma testemunha onisciente. (...) Você vai tentar obter a clareza que esse observador teria a seu respeito." A sinceridade absoluta é a única base possível para a vida intelectual. Se o sujeito mente para si mesmo sobre suas motivações ou sua posição no mundo, todo o edifício de seu conhecimento será construído sobre areia movediça. A inteligência humana só funciona com potência máxima quando está alinhada com a vontade de verdade.

A Lição das *Confissões* de Santo Agostinho

Este método remete diretamente à postura de Santo Agostinho em suas *Confissões*. Agostinho não escreve para contar novidades a Deus, pois sabe que Deus já sabe de tudo. Ele escreve para **fazer a verdade** em si mesmo. O ato de confessar não é informar o ouvinte, mas alinhar a consciência do falante com a realidade dos fatos, sob a luz de uma testemunha absoluta.

"Agostinho pergunta: 'Por que eu confesso a Ti, se Tu já sabes o que eu fiz?' E ele responde: 'Eu confesso para fazer a verdade'." Fazer a verdade é diferente de apenas "saber" a verdade teoricamente. É integrar a verdade na própria substância da personalidade. Enquanto o indivíduo julgar a si mesmo com base no conforto psicológico ("eu fiz isso porque estava nervoso") ou na aprovação social, ele permanecerá na superfície da vida. O salto filosófico ocorre quando se aceita ser julgado por esse padrão de verdade que transcende o tempo e as circunstâncias sociais.

A Conclusão da Iniciação

Os exercícios propostos — o necrológio, a análise da posição social e a meditação sobre o observador onisciente — convergem para um único ponto: a criação de um "eu" capaz de buscar a sabedoria. A filosofia exige que o estudante deixe de ser um feixe de reflexos condicionados e opiniões alheias para se tornar um **sujeito responsável**. Somente a parte da personalidade que busca o "eu ideal", que rejeita a mentira existencial e que se coloca humildemente sob o olhar da verdade, é capaz de filosofar. Esta "testemunha interna" que se forja através desses exercícios é o que impede a dispersão moral e o cinismo. É ela que permite ao filósofo, tal como Sócrates, transitar pelo mundo das opiniões e das aparências sem ser engolido por elas, mantendo o olhar fixo naquilo que é eterno e verdadeiro. A iniciação filosófica, portanto, não é a entrada em um clube acadêmico, mas a conquista da própria alma.